

AQUI

QUEM

FALA

É O

POVO

---

GRUTA

AQUI ABÁ

**Diretora da Faculdade de Letras**

Sueli Maria Coelho

**Vice-Diretor**

Georg Otte

**Labeled - Editora laboratório**

Coordenação editorial e administrativa

Emília Mendes

**Comissão editorial**

Maria Cândida Seabra

Elisa Amorim Vieira

Emília Mendes

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Sônia Queiroz

**Estagiários do Labeled**

Beatriz Cristelli

Gabriel Mota

Renan Lacerda

Kevin Silva

**Endereço para correspondência**

Labeled – Laboratório de Edição

Fale/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627

sala 4083

Belo Horizonte/MG

e-mail: [originais.labeled@gmail.com](mailto:originais.labeled@gmail.com)

site: [www.labeled-letras-ufmg.com.br](http://www.labeled-letras-ufmg.com.br)

POVO ✕ ARIABA

AQUI  
QUEM  
FALA  
É O  
POVO

---


GRUTA

AARIABA

fale  
editora

Belo Horizonte – 2023





Dedicamos este livro a todos os pesquisadores Xakriabá autores das obras originais às quais recorreremos para produzir esta antologia. Dedicamos também aos mais velhos e às lideranças Xakriabá. Dedicamos aos estudantes que lutam pela preservação dos saberes de seu povo.



# Apresentação

Caros parentes Xakriabá,

Tivemos a alegria de fazer parte da equipe editorial desta obra, ao lado dos estudantes de graduação do curso de Edição da FALE-UFMG e da professora Alice Bicalho. Para nós foi um prazer imenso vê a cultura e a tradição de nosso povo ser reconhecida. Vê a sabedoria de nosso povo ser respeitada e reconhecida nos fortalece, quando lembramos dos saberes de nosso povo entramos em contato com a terra e com tudo que ela nos guarda em segredo. Vivemos em tempos onde os mais velhos são esquecido, deixados de lado, reviver essa sabedoria foi como uma conexão direta com nossos ancestrais que viveram nesse pedaço de chão.

Os mais velhos são livros vivos que nos conta uma história de luta e sabedoria, uma história que não foi enterrada com eles, mas permanece em nós e é passada através do falar, do cantar, e do pintar também.

À UFMG nossos mais sinceros agradecimentos.

Atenciosamente,

Cheila Araújo Xakriabá

Célia Fiúza Xakriabá

Fernanda do Carmo Xakriabá









GRUTA



*Antigamente<sup>a4</sup>  
nós tínhamos  
a Iaiá Cabocla.  
Ela era uma índia encantada.  
Ela virava um toco,  
virava uma onça,  
virava um gato,  
virava um cachorro,  
virava uma galinha.  
Nessa época,  
aqui não existia posseiro\*,  
porque ela não deixava.  
Se entrasse,  
ela metia o chicote.  
Tinha um comandante dela.  
O dia que ele amanhecia zangado,  
ele ia lá,  
conversava com ela,  
levava fumo pra ela.  
O comandante dela  
chamava Estevo Gomes.  
Ele também era  
quase  
encantado.  
Ele desencantava qualquer coisa.*

---

<sup>a</sup> As notas numéricas se referem às obras originais das quais cada texto desta coletânea foi retirado. As referências completas bem como uma sinopse destas obras se encontram ao final deste volume. Já os asteriscos indicam que o vocábulo consta no glossário. [N.E.]



## **As palavra d'ês, o subeio da laiá nossa<sup>3</sup>**

Dona Ercina Bispo de Santana

Também, meu fio\*, tem mais coisa, mas a cabeça num dá não.

A senhora fala as palavra?

Dos mais véi? Do povo aí? Desse povo que nós falava?

Xakriabá.

“Era meu pai, era meu pai, minha mãe” Precisa ver o finado\* Estevim dizia assim: “ô moço, quando mamãe morreu, mar meu pai tinha uma roça di batata.”

Jó é que é bom pra remedar\*, menino!

As fala deles tudo era assim, tudo despedaço\*! É um despedaço: “mais olha que coisa, mais olha com'é que fulano\* vai”.

As palavras deles tudo era assim. Tudo era assim, aos pedaços, aos pedaços. Eu mesmo, tem vez que eu converso assim, mas... Um bando de gente de fora, eles num entende minhas palavra não. Eles num entende não. Procura duas, três vez pra saber o que que eu tô falando.

E ês tinham que fazer algumas dança, de primeiro?

Dança? A dança era o Toré\*, meu fi, a dança era o Toré que eles dançavam. Aqui, aqui tem, eu que num sei se guento ir lá não, mas num é longe não, é acolá\*, ó. Acolá tem, tem um terreirão de lagedo. Tem a lapa, tem aonde eles vadia-va, tem caco de panela, tem água dentro da grotta, dentro da lapa, ali ó, naquele morro ali, ó. Camilo sabe de lá. Camilo sabe. E era pra mod'ele levá eu lá. Lá nesse lugar, pra mod'eu assuntar\* bem.

Porque lá é assim – me contou Laura, eu não sei se é mentira dela não – ela me contou pra mim assim: que quando a gente chega lá, que lá dá meio que um encanto né? É o mei'd'um encanto.

Diz que quando a gente chega lá tem uma juriti que canta. Que vem cantando, a juriti. Ela vem cantando, vem cantando, que quando chega perto, ela agora já dimuda\*, já dimuda a cantiga, já faz é miar que nem gato.

É encanto.

É encanto que tem

Pois bom.

É antônce\*, essa, a dona da aldeia, da aldeia, meu fio ó, sem mentira nenhuma, ali, no pedaço da noite, ali a barra de dez pra onze hora da noite, já aconteceu aquilo por duas vez.

Por duas vez, bem aqui nesse rumo aqui, naquela grota que desce aqui, ó.

Nessa grota que desce aí. Ali, ó. Ali ela deu um subeio\*. Ela deu um subeio. Eu tava daqui a porta tava aberta, ainda tinha fechado não. Inda tinha acabado de rezar. Eu tava rezando. Ela deu subeio no rumo daquele pau grande, daquela arueira\* lá, ó. Mas na grota! Um subeio. Mas um assubeio\*, meu fio, mas é um assubeio fino que num tem mais pra donde. Bom, eu assuntei feito tarudo, acabou.

Aí passou, passou, passou uns pouco de dia assim, feito coisa assim de um mês, ela tornou a dar outro subeio. Na mesma confrontação. Mas na grota aí. Que de lá o subeio vem direitim assim, aqui nessa porta aí, ó.

Quem é essa?

É a onça caboca. É a onça caboca. Que é a laiá nossa.

Por duas vez meu fi, ela deu o subeio aí, ó.

Que ela visita todas aldeia. Toda aldeia de índio ela vai visitar. Em todas elas. E aqui em cima do morro, ali na... ela fica confrontando ali aquele... Ali aquele morro ali de... onde o compradre Diti botou aquela roça. Que Jusé comprou de compadre Diti. Fica naquela confrontação em cima do morro.



Aqui quem fala é o povo Xakriabá

Mas diz Camilo, moço, que uma coisa bonita. Camilo mesmo num falou pra mim não, foi Laura. E ficou dele me levar lá. Num dia desse mesmo, Laura tava falando aqui que ia conversar, ia falar pra Camilo, pra mode ir mais eu e chamar esses povo que trabalha, que tá trabalhando aqui na Funaia\*, pra ir lá com máquina pra tirar o retrato de lá dessa lapa e do terreiro.

Mas que coisa mais linda, meu fi\*. Diz que é um praino\* assim limp\*! Assim-assim, tá assim aquele terreirão assim...

Agora tem a lapa, e den'da lapa tem água, passa o caminho d'água.

Agora, eu num sei se vai assim

ou se evem\* assim.

Aí é que eu num sei.

Mas deve ter uma água friinha que faz prazer, meu fio.

## ***Lapa do Finado Rifino***<sup>1</sup>

Conta seu José Gonçalves que o finado Rifino falava sempre dessa lapa. Então, um dia, seu José saiu pela mata à procura dessa maravilhosa lapa. Até que encontrou. Segundo ele, a lapa fica em frente à casa de dona Inês e não tem entrada, devido ser uma mata bem fechada. Lá é um morro baixo com um pé de coco na boca dela. Dentro dela tem uma valeta e, mais à frente, um salão. Nesse salão não tem pedras no chão. Além disso, quando chove lá, se forma uma lagoa. Lá tem saída dos dois lados.

Seu José conta que essa lapa antes era usada pelo finado Rifino. Um dia, o finado Rifino escondeu um carote de pinga nessa lapa e essa pinga ficou escondida mais ou menos cinco anos. Um dia, ele escutou um barulho de raposa. Quando ele chegou lá, as raposas tinham bebido a pinga tudo.

Nessa lapa existem muitos pés de garrafas e pé de serra.

*A gruta do Rifino tem um grande salão  
quando chove forma lagoa  
não tem pedra no chão.  
Um carote de pinga  
lá ele escondeu  
por lá apareceu  
uma raposa e bebeu.  
Essa gruta é um lugar  
muito assombrado  
tem pé de garrafa  
e outros bichos encantados.*

## ***Coisas que não podem ser ditas<sup>7</sup>***

Os mais velhos não gostam que se fale caverna, o nome mais adequado é lapa, eles entendem que é um nome mau, para falar de lugares maus, como inferno. Cão também não pode falar, que significa nome mau. Liossário é capeta. Existem uns nomes que não podemos nem escrever aqui, porque é proibido, e trazem coisa ruim.

Os mais velhos não gostam de falar sobre menstruação. Quando a pessoa fala “dei certo” é porque ficou menstruada. Quando não vem, fala “tá atrasado”, “esse mês não veio pra mim”. A primeira menstruação da menina chama quebrar o pote. Hoje em dia, fala mais é de brincadeira. Quando a mulher está menstruada e brava que nem boi, se diz que ela “tá de boi” ou “tá com bichado” ou “tá luada”. Esta última expressão pode ser usada para qualquer situação em que a pessoa estiver nervosa, na lua nova tem gente que fica nervoso.

Quem sente a doença do ar não pode saber que sente. Ninguém pode contar pra ela. E não pode contar pra ela também quais foram os remédios dados (semente de croá, espinho de caixeiro\*, caroço de café cru\*, arroz com casca\*, couro de michila, chifre, mostarda e outros).



Aqui quem fala é o povo Xakriabá

O mesmo é com remédio para curar bronquite. A pessoa com bronquite tem que tomar um chá ou outra bebida, contendo lesma torrada, ou mocotó\* torrado, ou barba do pai torrada. E não pode saber que tomou. Tem que ser escondido.

Para sarampo, a pessoa tem que tomar uma água em que foi escaldada uma lagartixa viva, e não pode saber disso. Ou, então, deve comer a carne de uma lagartixa sem saber (misturada com outras carnes).

As rezas não devem ser ensinadas para qualquer um, nem escritas. Se escrever a oração, ela enfraquece. Rezas para benzer, se uma mulher souber e julgar adequado ensinar para alguém, tem que ensinar para um homem, um homem escolhido para aprender e que quiser aprender. E um homem deve ensinar para uma mulher, para a reza ficar forte.

A gente tira o óleo do pau d'óleo\* (copaíba) e não pode falar o nome dele, senão, não sai o óleo.

Findingo é um remédio de horta, também não pode falar o nome perto da planta, senão, ela morre.

Outra palavra que não pode dizer é “chuva de pedra\*”, tem que falar “chuva de flor\*”.



## ***A confecção da pólvora pelos Xakriabá antigos<sup>2</sup>***

Senhor Antônio Pereira de Souza

Ieu até sinto muito ieu num tê apreendido mais coisa, purque a gente achava que elas não valia nada. E ieu alembro quando aquelas pessoas mais véi e ieu minino, ali em casa era o ponto de juntá os véi. Chamava o véi Marcilino. O finado Marcilino. Um véi por nome Estevo. Aí ês ia, ês tinha o conhecimento tudo, daquelas coisa antiga, o que ieu alembro é que esses véi discubriu uma terra aí pa fazê porva\*; e num tinha porva igual. E a lapa tá lá inté\* hoje. Aquela do povo de cumpade Aguineli, lá. Foi ali, ieu minino, o meu avô juntava mais ês, juntava uns, uns cinco home e entrava. Diz que era muito mais de duzentos metro lá dentro que ês entrava.

Como esses véi deu esse entrevém de fazê lá aquela pesquisa? Hoje cê conta isso, é poucas pessoas que acredita. Existiu um exemplo, uma história... meu avô é que fazia a porva. Ieu cansei de vê ele fazeno. Ieu lembro antê\* das medida que ele colocava. Tinha inxofre, tinha carvão – só da madeira do limão, daquele limãozim só. Hoje quem, quem vai lembrá, né? Se conta isso, o povo: “Cê tá doido, moço? Aonde tinha uma coisa dessa que fazia?” E tinha. Cumpade Maneli aí conta a mesma coisa.

## ***Gruta do pau d'óleo<sup>1</sup>***

A gruta do pau d'óleo fica perto da casa da Sebastina, na aldeia Vargem. Nessa gruta, muitas pessoas já moraram. E dentro dela, trempe e cinza, onde eles cozinhavam os seus alimentos.

Além disso, quando chovia, as pessoas entravam dentro dela para não se molhar. A gruta tem esse nome porque lá tem uma árvore de onde se tira óleo para fazer remédio.



Aqui quem fala é o povo Xakriabá

*A gruta do pau d'ó  
é coisa de admirar  
tem trempe e cinza  
que os velhos deixaram lá.*

### **Caboca da mata<sup>3</sup>**

Deixa no sertão chover

Dona Ercina Bispo de Santana

Ói meu fio,  
a dança do Toré  
quem não dança ele,  
os índio que não dança ele,  
tá na forma de índio mas não é índio não!  
Mas não é índio não  
Tem a cantiga,  
tem a cantiga, meu Deus...  
Como é que é, papai do céu?...  
Meu Jesus Cristo, meu fio de Deus...  
A cabôca da mata...  
é A CABOCA DA MATA!  
Que é a dona da mata é onça cabôca que canta assim:  
Aaa cabôca da mata  
a cabôca da mata  
Ela chegou  
chegou

A caboca da mata

Eu quero é vadiá

a cabôca da mata

Eu quero é vadiá

Raimundo que é bom pra cantar ela. Se você levasse pra cantar Raimundo... Pro mod'ele cantar tudo pr'ocê...

Eu danço

danço ela bem

na verdade

uma vez

mas hoje, agora, minhas perna num dá.

Com esse negócio de ter dor assim nas perna, ter dor assim num cançamento de infusado, que eu num guento. Príncipeio, mas num guento acabar.

E ele dança. Dança e canta. Ele dança e canta. Raimundo. Em toda paragem que chega, meu fio, eles manda ele dançar, manda ele cantar. E se os companheiro souber, ele vai e dança mais os companheiro, que é pra mod'eles ver.

E tem outra cantiga também, daquele menino de... Acho que é José, João. Daqui do Virgino, do Virgino não, do Barreiro, que canta.

Dexa eu ver, meu filho, ver como é, Meu Deus...

Sim, que canta assim:

Minha barriga qué cumê

Não:

*Minha barriga tá com fome  
E minha boca qué cumê  
Cala a boca minha barriga  
Deixa no Sertão chuvê*

É bonita. Né?



Aqui quem fala é o povo Xakriabá

*Minha barriga tá com fome  
E minha boca qué cumê  
Cala a boca minha barriga  
Deixa no Sertão chuvê*

Mas é bonito pra quem puxa essa cantiga, moço! Mas é bonita! Eu achei!

*Minha barriga tá com fome  
E minha boca qué cumê  
Cala a boca minha barriga  
Deixa no Sertão chuvê*

Pra quem num tem fôlego, meu fôlego num dá pra incumpridá\*. Mas é bonito é cumprida. A linha tem tudo pra puxar.

## **Gruta do Rubertão<sup>1</sup>**

Conta seu Arvelino que perto da casa de dona Sivirina tem uma gruta que serve de moradia pro senhor Rubertão e a família. Ele mora lá há mais de trinta anos. Ele sai de dentro dela só para trabalhar e arrumar o que comer. Seu Arvelino fala que dentro da gruta, o Rubertão dorme com sua família, acende fogo para cozinhar e esquentar na época do frio. Hoje ele fez uma cozinha perto da gruta, mas, mesmo assim, ele fica mais é dentro dela.

*Seu Arvelino nos contou  
da gruta do Rubertão  
ele mora nessa gruta  
aqui no nosso chão  
Faz parte do passado  
também do nosso presente  
elas mostram pinturas  
dos nossos parentes.*

## ***As grutas para nós<sup>1</sup>***

*tem um grande valor  
eram moradia dos nossos velhos  
com alegria e amor.  
Gruta é uma palavra  
de admirar  
um retrato do passado  
do povo Xakriabá.*



# Posfácio

Queridos leitores Xakriabá,

Sou Alice Bicalho, professora de edição na Faculdade de Letras da UFMG. No primeiro semestre de 2022, propus a uma turma de estudantes conhecer, ler, estudar e estruturar um livro Xakriabá a partir de dez obras da autoria deste povo a que tínhamos acesso (a maioria delas tendo sido produzida a partir do ano de 2004 por pesquisadores Xakriabá em projetos realizados também na UFMG).

Os estudantes do curso de Edição, que animadamente aceitaram a proposta, fizeram uma bela seleção de textos, a partir da qual percebemos que havia narrativas, poemas e também textos dissertativos em torno de alguns temas: a religiosidade, a história dos tempos antigos, a laiá cabocla, as lapas, os modos de viver, a luta pela reconquista do território, as plantas e suas funções, entre outros. Observando com cuidado os textos e analisando os temas em comum, os separamos em três eixos, céu, terra e gruta, e organizamos as obras a partir desses eixos, abordando a história, os costumes, a memória, as lutas e o território Xakriabá.

Participaram da edição deste material as professoras e pesquisadoras Cheila Araújo Xakriabá, Célia Fiúza de Araújo e Fernanda do Carmo Lima Xakriabá, não só se disponibilizando a nos ensinar um pouco sobre a Retomada Xakriabá, como se comprometendo e acompanhando de perto o processo de elaboração deste livro, nos orientando com observações sempre sensíveis, perspicazes e muito pertinentes.

Na “gruta” alguns dos conhecimentos mais antigos dos Xakriabá, seus segredos e encantados, são revelados de forma delicada e respeitosa.

Considerando a importância de valorizar a literatura Xakriabá em suas manifestações orais e escritas, privilegiamos revisar os textos preservando os traços da oralidade que pareceram contribuir para o registro do português indígena desse povo. É preciso observar que esse trabalho já havia sido realizado em grande parte nas edições anteriores destes textos, e que buscamos, apenas quando necessário, aprimorar esse registro.

Cada grupo de estudantes que participou da edição deste material escreveu uma carta para vocês. Elas dão sequência às reflexões deste posfácio.

Temos grande admiração pela literatura Xakriabá tanto no que se conta quanto no modo como as coisas são contadas. A voz dos mais velhos Xakriabá, escritas nestas páginas, são motivo de orgulho e alegria e, como muitas das grandes obras da literatura, enchem o leitor de força e alegria de viver. Torço para que tenham tido este efeito em você. Torço também que este livro seja mais um instrumento a colaborar para a preservação da memória e para a criação e renovação literária deste povo corajoso, perseverante, povo de luta e de poesia, que é o povo Xakriabá.

Com carinho,

Alice Bicalho



## Ao povo **Xakriabá**



A montagem da GRUTA foi realmente um desafio, mas é com imenso orgulho que podemos apresentar-lhes “o círculo dentro do círculo”.

Nossa ideia de produção, a partir da proposta e dos textos disponíveis, foi a de dar a ideia de proteção.

A ideia de proteger, a partir desta noção a que chegamos de “círculos em círculo”, também é uma ideia de amortecimento que associamos à água, líquido que se forma no centro das lapas, e nutre e limpa e protege. Para representar a água, o que fizemos foi tentar criar uma ondulação entre os textos, intercalando os textos maiores com textos pequenos, presentes no livro *Poesia sobre os conhecimentos Xakriabá*. A proposta é uma imagem “irregular” como o chão úmido de uma gruta, acolhedora, pequeno, vezes quieto, vezes ruidoso. E os conhecimentos transbordando pelos lados.

Relacionando os temas diretamente, um texto serve de gancho para o próximo. Mas existe um segredo em seu miolo, coisas que não podem ser ditas, protegidas pelo sagrado, onde as outras narrativas formam a lapa, contendo os segredos do povo.

Em uma leitura “desinteressada”, tais conceitos são perdidos, mas lendo com atenção se chega ao seu centro e então revelam-se os antigos modos guardados no subterrâneo.

Sabemos sim, como não é simples transpor textos de tamanha profundidade e fazer a revisão, a disposição e uma

possibilidade conceitual de organizar o que é tão precioso, a nós enquanto indivíduos e, em especial, ao povo Xakriabá. Portanto, buscamos fazê-lo da maneira mais sensível possível e podemos dizer que foi trabalhoso, desafiador e por vezes nebuloso. Mas podemos, também, afirmar que foi uma experiência de grande valia e que para nós é uma honra poder – tentar – ser ponte.

Esperamos que o resultado que os alcance os agrade, tendo o nosso cuidado bem traduzido em projeto editorial e organização de textos.

Há sim, com efeito, coisas que podem e que não podem ser ditas. Há, também, em especial, as coisas que precisam ser resgatadas e preservadas.

Carinhosamente,

Lara Coelho

Lobélia Rodrigues

# Glossário

**Acolá:** em outro lugar

**Antônce:** então

**Arroz com casca:** arroz quando colhido, antes de passar pela limpeza que tira a palha.

**Arueira:** aroeira

**Assubeio:** assovio

**Assuntar:** ouvir, escutar

**Caroço de café cru:** café antes de ser torrado e moído

**Chuva de flor:** chuva de gelo

**Chuva de pedra:** chuva de gelo

**Despedaço:** aos pedaços, despedaçado

**Dimuda:** mudar

**Espinho de caixeiro:** espinho de ouriço

**Evenm:** vem

**Fii/fio:** filho

**Finado:** pessoa falecida

**Fulano:** quando fala de alguém, mas não fala o nome então fala -se fulano

**Funaia:** Funai (Fundação Nacional dos Povos Indígenas)

**Incumpridá:** tornar cumprido

**Inté/anté:** até

**limp:** limpo

**Mocotó:** tornozelo

**Pau d'óleo:** copaíba

**Porva:** pólvora

**Posseiro:** Posseiro, como o grileiro, são pessoas que ocupam um pedaço de terra e passa a trabalhar nela como se fosse deles e tomam posse ilegal daquela terra

**Praino:** plano

**Remedar:** imitar

**Subeio:** assovio

**Toré [dança do]:** dança indígena Xakriabá





# Referências

Os textos desta antologia foram retirados das seguintes obras:

- 1- FREIRE, Cleuza Cavalcante Luzineide; ALKIMIN, Maria Aparecida Evaristo Maria Neuza; MOTA, Nelza Gonçalves Alkimin Quitéria Farias; GONÇALVES DOS SANTOS, Rosânia. *Poesia sobre os conhecimentos Xakriabá*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, Literaterras, 2013.

*Poesia sobre os conhecimentos Xakriabá* apresenta um compilado amplo da poesia Xakriabá e das características que a compõem como expressão de um povo. Mostra ainda as singularidades de cada gênero da poética oral presentes na sua produção. A relação dos Xakriabá com o ambiente que os abriga inspira parte dos versos, e a história e as percepções intrínsecas às relações humanas desempenham papel análogo. Os poemas abordam acontecimentos acrescidos do entendimento simbólico Xakriabá, o uso de plantas tradicionais do Cerrado, além da importância cultural do céu e da gruta.

- 2- GONÇALVES, Eliana do Rosário Ferreira Oliveira; BARBOSA, Regiane Costa. *O ensino da língua portuguesa em duas escolas Xakriabá (Bukinuk e Uikitu Kuhinã): português indígena e português padrão em foco*. 2016. Curso Acadêmico (Licenciatura em Línguas, Artes e Literaturas) – Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

*O ensino da língua portuguesa em duas escolas xakriabá* consiste em uma monografia em Línguas, Artes e Literaturas apresentada ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG). Busca entender e estabelecer a relação entre o português indígena e o português padrão, por meio de uma pesquisa realizada em escolas Xakriabás. As autoras ressaltam a importância da valorização tanto do ensino do português padrão, quanto do português indígena, contribuindo para a discussão da variação linguística e a relevância de entender o Brasil



como um país de muitas línguas. Foram utilizadas as transcrições de entrevistas realizadas com os mais velhos, buscando-se ressaltar traços da oralidade Xakriabá.

- 3- XACRIABÁ, Índios. *Com os mais velhos*. Belo Horizonte: FALE-UFMG; CGEEI; SECAD; MEC, 2005.

A obra *Com os mais velhos* abre espaço para o diálogo entre tradição e história. Como experiência intercultural, o livro se estrutura a partir de transcrições realizadas por estudantes não indígenas da graduação em Letras (FALE/UFMG) de narrativas orais gravadas dos mais velhos Xakriabá. Com histórias e textos que contam sobre o cotidiano da terra indígena, *Com os mais velhos* é um registro coletivo e comunitário da oralidade Xakriabá, passando adiante, também, os ensinamentos dos mais velhos para os mais novos.

- 4- XACRIABÁ, Índios. *Iaiã Cabocla*. Belo Horizonte: FALE-UFMG; CGEEI; SECAD; MEC, 2005.

Os versos da obra *Iaiã Cabocla* retratam diferentes versões da história de uma das mais importantes protetoras do povo Xakriabá e remontam o imaginário cultural e religioso desse povo indígena. A centralidade está em Iaiã Cabocla e na sua presença e importância para o povo Xakriabá. Literatura e oralidade permeiam os ensinamentos e pesquisas realizadas por pesquisadores Xakriabás e da FALE/UFMG e demonstram a riqueza da oralidade e modos de cantar histórias entre os Xakriabá.

- 5- XACRIABÁ, Índios. *Revelando os conhecimentos*. Belo Horizonte: FALE-UFMG; CGEEI; SECAD; MEC, 2005.

*Revelando os conhecimentos* é um livro ilustrado que traz poemas criados por crianças Xakriabá a partir do léxico de Dona Arcina, uma mais velha deste povo. Escritos próximo da oralidade, tendo, ao lado, o registro na norma culta, os poemas atestam o português falado pelo povo Xakriabá, reconhecendo-o e valorizando-o. A presença dos manuscritos e dos desenhos feitos pelos alunos da Escola Indígena Xakriabá na Aldeia Imbaúba também confere importância aos modos de expressão dessas crianças, contribuindo para a sua preservação.

- 6- XACRIABÁ, Eulina Cavalcante Bizerra. *Andando para o futuro sem esquecer o passado*. Belo Horizonte: FIEI-FALE-UFMG, 2013.

O livro de Eulina Cavalcante Bizerra Xakriabá traz entrevistas com moradores das comunidades de Imbaúba, Riacho do Brejo e Pedra Redonda. A valorização da memória dos entrevistados é o objetivo central do livro, ao conectar e apresentar diferentes tradições de jogos, cantos e narrativas desse povo indígena do norte de Minas.

Descrições das brincadeiras realizadas por pessoas de diversas idades, dos versos jogados em tais momentos descontraídos, de questões que

regeram a vida dos entrevistados e a apresentação de antigas histórias contadas e recontadas pelos Xakriabá são registradas nessa obra. O livro consiste em um registro do passado, fundamental para guiar os mais jovens ao futuro, como um convite aos Xakriabá, aos outros povos indígenas e aos não indígenas para escutar o passado e suas lições.

- 7- XAKRIABÁ, Povo; ARAÚJO, Anide; ARAÚJO, Ducilene; GONÇALVES, Vanilde. *Nem tudo o que se vê se fala: ciência, crença e sabedoria Xakriabá*. Belo Horizonte: FALE-UFMG; Literaterras, 2013.

*Nem tudo o que se vê se fala* exhibe o poder da palavra, do conceito e dos conhecimentos derivados do entendimento Xakriabá sobre o mundo. O livro apresenta três conceitos de grande importância: a ciência, a crença e a sabedoria, que convergem, unidos, para interpretar não apenas o que pode ser visto ou tocado. A palavra, como coisa flutuante, sem fronteira definida, demonstra mais uma vez sua força ao retratar a importância do conceito falado, recitado de maneira quase mágica, pois ela não é apenas uma referência ao que há no mundo. A palavra constrói algo no mundo através de sua própria existência.

- 8- XAKRIABÁ, Povo; GONÇALVES DA SILVA, Andreлина; GONÇALVES DA SILVA, Francisca; LEITE, Iracema Macedo. *Para seu trono lilar: Transmitindo nossos cantos, danças e rezas Xakriabá*. Belo Horizonte: FALE-UFMG; Literaterras, 2013.

*Para seu trono lilar* reúne alguns cantos e textos religiosos em uma tentativa tanto de resgatar a ancestralidade dessa comunidade quanto de difundir ainda mais essa rica tradição. Deste modo, pretende alcançar não apenas novas pessoas, mas também os jovens que acaso se encontrem mais afastados destas práticas religiosas. As rezas, cantos de Reis, lundus e dança de São Gonçalo são arquivados aqui de modo escrito, mas também através de áudios gravados em CD, convidando à leitura e ao canto, demonstrando a beleza e força da oralidade Xakriabá.





# Sumário



<i>Apresentação.....</i>	<i>7</i>
<i>Gruta.....</i>	<i>9</i>
<i>Posfácio.....</i>	<i>23</i>
<i>Ao povo Xakriabá.....</i>	<i>25</i>
<i>Glossário.....</i>	<i>27</i>
<i>Referências.....</i>	<i>29</i>

A656

Aqui quem fala é o povo Xakriabá : Gruta / organizadores: Aline Bicalho de Oliveira... [et al.]. – Belo Horizonte : FALE/UFMG, 2023.

32 p. (Coleção Literaterras).

ISBN: 978-65-87237-66-4 (impresso)

Bibliografia: p. 27-29.

1. Literatura indígena – Brasil. 2. Índios Xakriabá. I. Oliveira, Aline Bicalho de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título. IV. Série.

CDD : 898.3

Todos os direitos reservados ao ©Povo Xakriabá, 2023.

Proibida a reprodução para fins comerciais sem autorização.

### **Coordenação editorial**

Alice Bicalho

### **Conselho editorial e glossário**

Cheila Araújo Xakriabá, Célia Fiúza de Araújo Xakriabá, Fernanda do Carmo Lima Xakriabá

### **Organização e edição dos textos**

Alice Bicalho, Anna Lara Muneirao Coelho Teixeira, Lobélia Hadassa Rodrigues Comini de Carvalho

### **Sinopses**

Camila Almeida Carvalho, Isis Beber de Souza Fiorilo Rocha, Suyhanne Katarynne Pena Leite, Renata Martins Rodrigues, Luísa Rocha Vasconcelos

### **Revisão**

Barbara Gomes Franco, Bárbara Lopes da Silva, Camila Almeida Carvalho

1ª edição – 2023

### **ISBN**

978-65-87237-66-4 (Impresso)

978-65-87237-69-5 (Digital)

### **Coordenação do projeto gráfico**

Rafo Barbosa

### **Participaram da criação do projeto gráfico**

Estudantes da turma TV0 PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO DE LIVROS INDÍGENAS, 1-2023

### **Oficinas de criação das capas**

Ranison Xakriabá, Bruni Emanuele Fernandes, Juliana Gontijo

### **Participaram da criação e confecção das capas desta tiragem**

Camila Almeida Carvalho, Isis Beber de Souza Fiorilo Rocha, Suyhanne Katarynne Pena Leite, Renata Martins Rodrigues, Luísa Rocha Vasconcelos, Barbara Gomes Franco, Bárbara Lopes da Silva, Renan Lacerda, Lobélia Hadassa Rodrigues Comini de Carvalho, Rômulo Herdy e Silva, Gabriel Mota, Helena Macedo, Carla Renata de Andrade Silva

Coleção Literaterras

LABED – FALE – UFMG

Impresso no Brasil

Terra Indígena Xakriabá,  
Belo Horizonte – 2023

Tiragem cartonera de  
50 exemplares

Todos os esforços para solicitar a autorização para o uso dos textos foram feitos. Os créditos foram incluídos e os detentores dos direitos autorais sendo contatados, faremos a solicitação formal.



*Tiragem cartonera (arte exclusiva  
sobre papelão reaproveitado)  
Fonte do título da obra: Pacaembú  
Type de Ricardo Carvalho  
Fonte dos textos: Fira Sans  
Impressão: Imprensa Universitária  
da UFMG*

LAB  
ED

